

A CERÂMICA MODERNA DO CASTELO DE SÃO JORGE

PRODUÇÃO LOCAL DE CERÂMICA COMUM, PINTADA A BRANCO, MOLDADA E VIDRADA E DE FAIANÇA

ALEXANDRA GASPAR E ANA GOMES Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo

RESUMO Este trabalho tem como objectivo uma apresentação das produções cerâmicas de época moderna que ocorrem na alcáçova do Castelo de S. Jorge, em Lisboa.

Estas cerâmicas surgem em contextos associados a “casas nobres” e áreas de lixeiras de época.

As produções modernas aqui identificadas resultam da produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança. Com excepção desta última, as restantes parecem corresponder a um único fabrico muito característico nas produções de Lisboa. Nas cerâmicas importadas destacam-se as produções valencianas de loiça dourada e azul e dourada, presente na alcáçova desde o século XIV, cujas importações se reforçam nos séculos XV e XVI a que se irão juntar as produções italianas de majólica desde meados do século XVI.

PALAVRAS CHAVE Cerâmicas modernas, Castelo de São Jorge

Pretende-se apresentar as produções cerâmicas de época moderna que ocorrem nas escavações arqueológicas na alcáçova do Castelo de S. Jorge.

Nesta época o espaço da alcáçova apresenta muitas semelhanças com a Idade Média (fig. 1). Mantêm-se as quatro portas de entrada/saída da alcáçova, as quais, com excepção da Porta da Traição, localizada a

ocidente do Castelejo, estão ligadas a dois grandes eixos viários – a actual Rua de Sta. Cruz e a Rua do Recoilhimento. A localização das áreas públicas mantém-se – a zona do Paço Real, do Castelejo, na zona oeste, a Igreja e o Palácio dos Bispos na zona oriental, e a zona de armazenamento, na zona habitacional. Outros equipamentos são apenas referidos na documentação,



1. Planta da Alcáçova do Castelo de S. Jorge em Época Moderna (proposta).



2. Planta de localização da Alcáçova do Castelo de S. Jorge.

desconhecendo-se a sua localização exacta, como é o caso da Chancelaria do Rei, da Albergaria ou das Cavalariças da Rainha.

De modo geral estas cerâmicas surgem associadas a contextos de Palácios, referenciados na documentação, e em áreas de lixeiras (fig. 2). Daqueles destaca-se a Casa do Governador que no século XV deveria fazer parte integrante do Paço da Alcáçova. As escavações arqueológicas realizadas no âmbito do projecto de recuperação deste imóvel, permitiram identificar um silo de grandes dimensões, depois utilizado como fossa, com um enchimento muito uniforme (Gaspar, 2009). Das cerâmicas exumadas destaca-se o predomínio das produções locais e o facto de no conjunto das produções estarem ausentes as faianças e as cerâmicas importadas de Itália. O edifício actual do Palácio das Cozinhas foi construído sobre as ruínas do primitivo palácio que também estava integrado no conjunto que formava o paço da alcáçova; no decorrer das obras de recuperação foram identificados vários compartimentos contemporâneos deste período. Um outro palácio – o dos Duques de Aveiro, localizava-se na Rua do Recolhimento; aqui foi identificada uma cisterna e um conjunto de materiais de época moderna; este espaço, no século XVII, passa a fazer parte do Hospital dos Soldados. O Palácio localizado na Praça Nova, no extremo NE da alcáçova, foi primitivamente Paço dos Bispos, depois dos Condes de Santiago, tendo sido sucessivamente habitado desde o século XIII até ao terramoto de 1755. Também neste edifício e em contextos de ocupação surgem alguns exemplares de produções de

cerâmica moderna; destaca-se, no entanto, um contexto de aterro relacionado com as obras da DGEMN, em que surge grande quantidade de cerâmicas modernas, locais e importadas, misturadas com cerâmicas de várias épocas – desde a Idade do Ferro até ao século XX.

Na Rua das Flores escavou-se o edifício do Grupo Desportivo do Castelo (GDC) onde se identificaram estas produções em contextos habitacionais do século XVI onde ocorrem, para além das cerâmicas comuns, faianças e majólicas.

No Beco do Forno e no Beco do Recolhimento localiza-se uma grande área de armazenagem da alcáçova utilizada desde o período islâmico até à época moderna. Dos cerca de 40 silos escavados, parte foram reutilizados como fossas em época moderna fornecendo peças das diferentes produções (Gomes, 2009).

As produções que ocorrem no Castelo de S. Jorge distribuem-se pelas várias produções locais e as importadas. As cerâmicas fabricadas localmente incluem várias produções – a cerâmica comum que é predominante, as cerâmicas pintadas a branco, a cerâmica moldada, a cerâmica vidrada a verde e melado, a cerâmica esmaltada e as faianças; o conjunto das cerâmicas importadas inclui as produções valencianas e as majólicas italianas.

Estas cerâmicas ilustram os vários serviços de mesa, de cozinha, de armazenagem, de iluminação, bem como outros equipamentos de apoio como os almoçarizes ou fogareiros.



3. Cerâmica comum.

1. CERÂMICAS DE PRODUÇÃO LOCAL

Cerâmica comum (fig. 3)

Da análise macroscópica foi definida uma única pasta de cor bege com tonalidades mais claras ou mais escuras, sendo por vezes avermelhadas (M35, L25, P25); a pasta é mediantemente a pouco dura, de aspecto laminar, com abundantes quartzos de diferentes calibres dispostos com uma certa regularidade, com raros grãos ferruginosos dispersos e alguma moscovite. As quantidades idênticas de argila e de elementos não plásticos constituem a sua característica mais típica que a nível macroscópico nos permite identificá-la claramente.

Os acabamentos destas peças são pouco variados. A quase totalidade das formas apresenta um engobe de cores que variam entre o rosado, laranja, o avermelhado e castanho claro (N15, P17, M15, M25) podendo ser alisadas ou polidas. Este tipo de acabamento está relacionado com a morfologia. Assim as formas de armazenamento e as formas abertas de mesa e de cozinha apresentam-se sempre polidas e as formas fechadas, apenas algumas, maioritariamente de mesa, são polidas.

Pode-se assim apontar como característica a homogeneidade de produção.

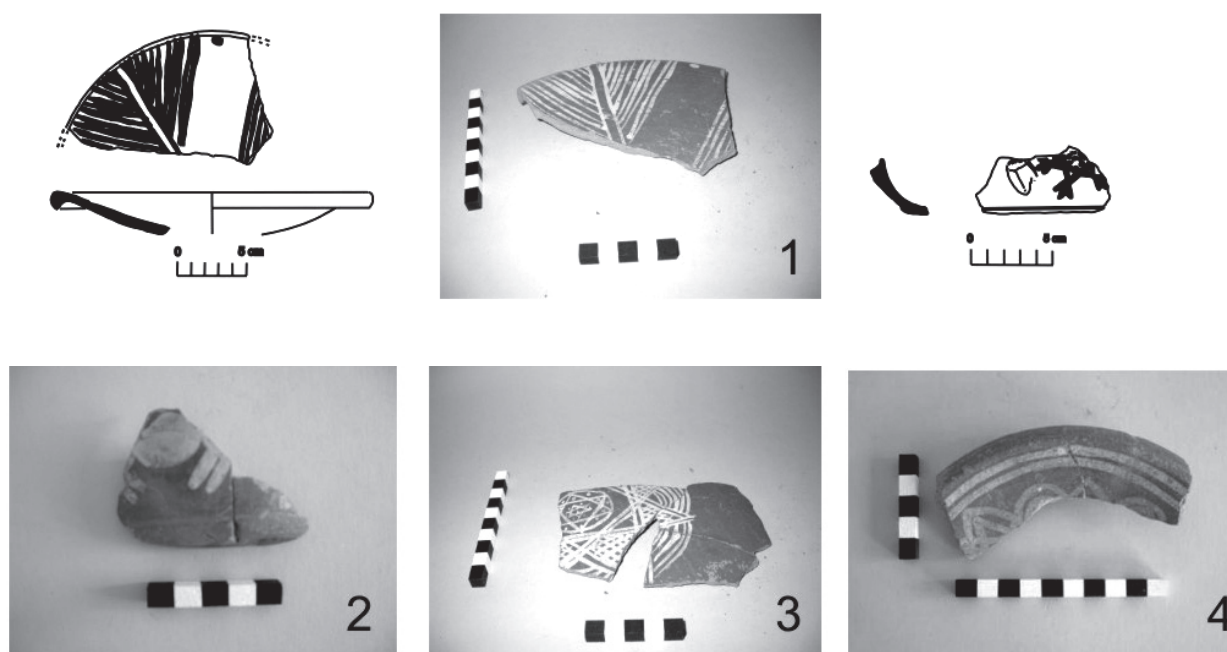
Estas cerâmicas foram analisadas quimicamente por activação de neutrões (AAN) realizadas no Instituto Tecnológico Nuclear (ITN) (Prudêncio,2009). As amostras incluíram vários recipientes de cerâmica comum, cerâmica pintada a branco e cerâmica moldada. Os resultados mostraram grande afinidade entre todas as amostras analisadas confirmando-se quimicamente

a hipótese de se tratar de uma única pasta. Relativamente à proveniência, e resultado do cruzamento de dados com as análises realizadas para outros conjuntos, nomeadamente as cerâmicas do período islâmico, confirmam a ausência de continuidade de utilização dos fornos da baixa e zona ribeirinha, tendo-se recorrido a matérias-primas diversas. Assiste-se assim, e a partir do século XIV a, por um lado a diferenciação na estratégia de exploração de recursos com a utilização de novos barreiros e, por outro, a uma mudança da localização dos fornos. A localização destes fornos poderia ser o bairro da mouraria onde a documentação refere a existência de fornos.

As formas são muito variadas e incluem-se nos serviços de mesa – canecas, pucarinhos, infusas, jarros, bilhas, pratos e tigelas e taças; no serviço de cozinha – panelas, tachos, caçarolas, pote de duas asas, testos, frigideiras, almofarizes, fogareiros, serviço de armazenamento – talhas e cântaros, e as típicas candeias de câmara aberta para a iluminação e ainda outras formas como os copos de medida, os alguidares, um suporte tripé, os vasos de noite ou camareiros.

Do ponto de vista decorativo ressalta a ausência de decorações – cerca de 90% das peças não são decoradas. As caneluras e as incisões são as mais utilizadas, recorrendo-se raramente a molduras e impressões de dígitos.

Este conjunto de peças provém maioritariamente do silo da Casa do Governador onde foram exumadas grandes quantidades desta cerâmica comum, bem preservada, o que permitiu a caracterização desta produção. Desta lixeira provém também peças de



4. Cerâmica pintada.

produção valenciana - loiças douradas e azuis e douradas. Das produções locais registam-se os vidrados a verde, melado, verde e melado e a cerâmica pintada a branco. As faianças e as cerâmicas esmaltadas estão ausentes deste conjunto. As moedas mais recentes são ceitis de D. Afonso V. O conjunto de materiais aí encontrados permitiu propor uma cronologia do século XV/ primeira metade do XVI.

Algumas das formas deste conjunto existiam já no século XIII e no século XIV. As outras poderão ser consideradas como típicas do século XV podendo a sua produção ter-se estendido ao século XVI. Dentro das cerâmicas de mesa destaca-se a forma 1 dos pucariños de duas asas com pé de bolacha identificada em níveis da 2.ª metade do século XII/XIII do Castelo de S. Jorge (Gomes, 2005), em níveis do século XIV também no Castelo (Gomes, 2009) e num conjunto de cerâmicas encontradas na baixa da cidade (Gaspar, 1997). Nas formas de cozinha poderemos assinalar a diversidade de panelas já verificada em épocas anteriores, a forma 1 dos tachos já identificada no século XIV (Gaspar, 1997), os testos de botão de prensão central, sobretudo os de barbela, existentes no século XIII (Gomes, 2005) e XIV (Gaspar, 1997). As candeias da forma 1 são também formas já produzidas no século XII/XIII (Gomes, 2005) no século XIV (Gaspar, 1997) e os cântaros no século XIV (Gaspar, 1997). Pode ainda referir-se que no século XIV foram encontrados os mesmos grafitos aqui apresentados, mas em jarros – apresentando estes também os bordos cortados, post-cozedura (Gaspar, 1997).

Estas cerâmicas são comuns em Lisboa e na sua região. Uma vez que esta produção de cerâmicas comuns locais já se encontra publicada, remetemos para esse artigo. (Gaspar, *et al*, 2009)

Cerâmicas pintadas a branco (fig. 4)

Uma das produções locais característica desta época em Lisboa é a das cerâmicas pintadas a branco. Embora não se tenha encontrado em grandes quantidades e o seu estado seja fragmentário, é uma produção facilmente identificável.

A pasta utilizada nestas cerâmicas é a mesma das cerâmicas comuns, com as paredes engobadas a laranja avermelhado e polidas embora as formas fechadas não sejam engobadas internamente. A pintura é feita a branco.

As formas são pouco variadas mas incluem-se todas no serviço de mesa, com formas abertas – pratos e tigelas, e fechadas – potinhos e copos. Os pratos são rasos, de paredes rectas muito esvasadas e as tigelas são hemisféricas; as formas fechadas encontram-se mais fragmentadas mas foi possível identificar colos verticais de lábio simples e fundos de potinhos com arranque de asa.

Os motivos decorativos, pintados a branco, consistem em motivos em espinha (fig. 4.1), linhas paralelas verticais ou oblíquas, estrelas de seis pontas de triângulos entrecruzados, concêntricas que podem ser inseridas em círculos e preenchidas internamente por reticulados (fig. 4.3), reticulados, etc. O interior de

alguns motivos pode ser preenchido a cheio (fig. 4.2), com pontilhado ou com reticulados.

Esta produção foi encontrada maioritariamente na Casa do Governador em contextos do XV/1.^a metade do XVI em que não aparecem cerâmicas esmaltadas e faianças, mas também em silos da área de armazenagem e na área habitacional do Grupo Desportivo do Castelo, em níveis quinhentistas associado a cerâmicas vidradas, esmaltadas e cerâmica dourada de Paterna/Manises.

Propõe-se que a cronologia desta produção se situe entre o século XV/XVI, desaparecendo posteriormente.

As cerâmicas pintadas estão presentes no Castelo no século XIII, nas cerâmicas de transição, associadas ainda à tradição das cerâmicas pintadas islâmicas, sendo produzidas nas olarias da baixa e da zona ribeirinha (Gomes, 2005). No século XIV não existem cerâmicas pintadas e os centros produtores são diferentes. (Prudêncio, 2009) Só nos séculos XV e XVI voltaremos a encontrar esta produção de cerâmica pintada a branco, com características de fabrico, morfológicas e temáticas decorativas distintas da produção do século XII / XIII.

Esta produção poderá ser encontrada na região da grande Lisboa, embora não esteja ainda estudada.

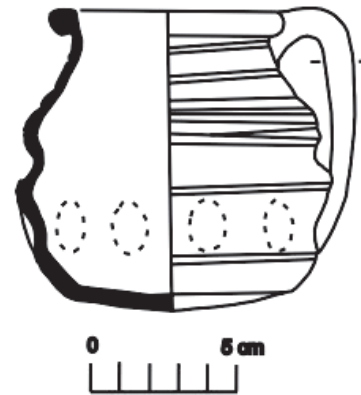
Cerâmica moldada (fig. 5)

Esta produção é rara nos contextos escavados no Castelo de S. Jorge. No entanto, o exemplar encontrado permite avançar com algumas propostas.

O exemplar encontra-se muito bem preservado apresentando-se apenas fracturado parcialmente no bordo (fig. 5). A pasta é igual às pastas das cerâmicas comuns e pintada a branco desta época. As análises químicas permitiram concluir que se trata de uma cerâmica local de Lisboa. A parede externa apresenta um engobe de cor vermelha alisada e a parede interna não foi engobada. A forma encontrada é um pucarinho de uma asa, feito a torno. A peça é dividida em duas partes por uma funda canelura; na parte superior apenas se registam caneluras bem marcadas, irregulares e na parte inferior apresenta uma banda de depressões enquadradas por duas caneluras, também irregulares. Trata-se de uma decoração pouco profusa, que difere dos exemplares posteriores, mas que usa uma das técnicas características desta produção – as depressões.

Este exemplar foi encontrado na Casa do Governador num contexto bem datado propondo-se assim o recuo da cronologia desta produção para o século XV/primeira metade do XVI.

Esta produção tem tido denominações diferentes. Optamos pelo critério de não alterar a designação mais antiga, uma vez que nenhuma das novas denominações é definidora das características da produção.



5. Cerâmica moldada.

Cerâmica vidrada a verde, melada (fig. 6)

As cerâmicas vidradas são pouco abundantes. As pastas são locais, de cor vermelha ou bege.

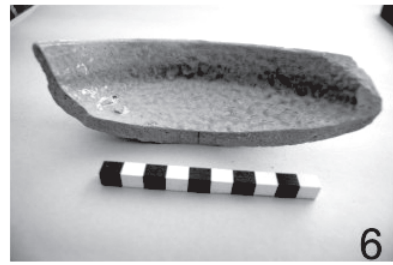
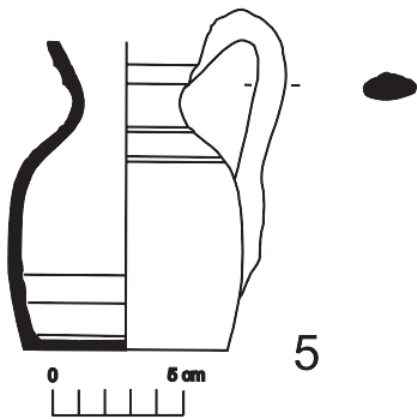
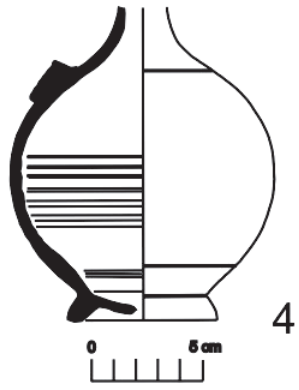
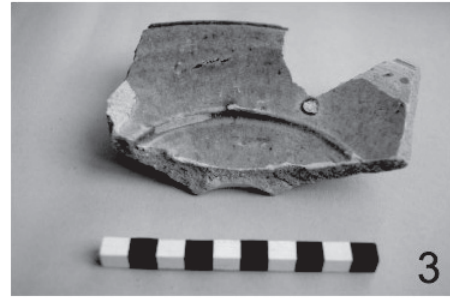
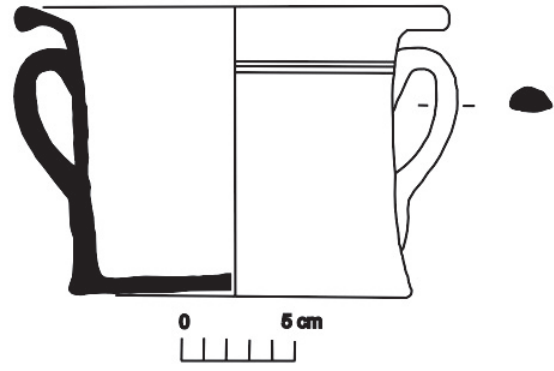
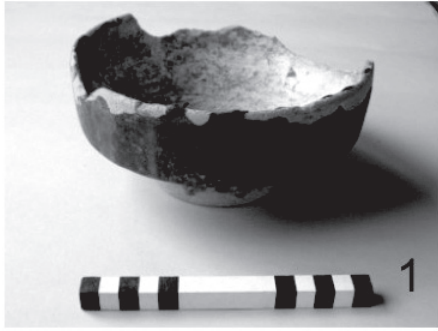
As formas vidradas a verde identificadas são variadas correspondendo a alguidares de diferentes dimensões, taça carenada, uma pequena tampa com botão de prensão, um vaso de noite – camareiro.

Destas destaca-se uma taça carenada com pé em anel vidrada a verde exteriormente e a branco na parede interna (fig. 6.1). Esta peça corresponde à descrição de uma tigela, integrada no Grupo E de Barreira (1998, p. 152) referida como uma peça rara. O nosso exemplar foi encontrado no Palácio do Governador, num contexto datado do século XV/inícios do XVI, onde não estão presentes faianças.

O vaso de noite ou camareiro (fig. 6.2) apresenta-se vidrado a verde na parede externa e a melado na parede interna. Um fundo em anel, de uma forma aberta apresenta a mesma combinação de vidrados.

As formas das cerâmicas meladas/castanho correspondem a uma bilha de colo estreito (fig. 6.4), jarro de asa soerguida (fig. 6.5), bordo de pequeno cântaro, tigelas de carena alta (fig. 6.6), prato de fundo em ônfalo demarcado internamente por filete relevado (fig. 6.3).

Destes exemplares destaca-se a bilha de colo estreito vidrada a castanho, por se encontrar bem conservada e



6. Cerâmica vidrada.

pelo contexto onde foi encontrada – Casa do Governador; esta forma é semelhante a uma publicada por Gomes (1996, fig. 24). O jarro de asa soerguida apresenta um vidrado a castanho e verde; a pasta parece local. A tigela de carena alta, e o prato de fundo sublinhado por filete relevado apresentam características formais registadas em exemplares publicados por Gomes (1996, p. 154); as características deste último caso são apresentadas como sinal de antiguidade. Alguns destes exemplares provêm do Palácio do Governador associados a vidrados melados, a cerâmicas de Paterna/Manises – dourada e azul e dourada e onde não se encontraram faianças; outros apareceram associados a faianças e cerâmicas esmaltadas a branco. No Castelo, nos níveis do século XIV também surgem formas vidradas a verde, após um interregno do século XIII, em que estes vidrados praticamente desaparecem.

Cerâmica esmaltada a branco (fig. 7)

As cerâmicas esmaltadas a branco, loiça dita malagueira, não são muito abundantes.

As pastas são todas idênticas apresentando uma cor que varia do branco amarelado, ao bege, por vezes rosado, mediantemente granulosa apresentando alguns vacúolos alongados, com raros quartzos e grãos carbonatos dispersos e alguns grãos ferruginosos. Os vidrados são mates e apresentam craquelés.

As formas cingem-se às tigelas carenadas (fig. 7.1) e hemisféricas, por vezes com asas polilobuladas e aos pratos de fundo em ônfalo (fig. 7.2).

Foram encontrados em diferentes contextos do século XVI associados a faianças, vidrados a verde e melados, importações de Paterna/Manises. Alguns exemplares aparecem associados a majólicas.

Pelas suas características e pelos contextos em que foram encontrados as peças desta produção deverão situar-se no século XVI.

Faianças (fig. 8)

As faianças encontradas no Castelo constituem uma produção muito uniforme.

As pastas são idênticas às da cerâmica esmaltada a branco, devendo corresponder às produções das olarias de Lisboa. O vidrado de cor branco é mate e apresenta frequentemente craquelés, sendo pintado a azul. O repertório formal é pouco variado limitando-se a pratos, muitas vezes com ônfalos e tigelas hemisféricas ou carenadas. A maioria dos exemplares apresenta o fundo em ônfalo, aparecendo algumas tigelas carenadas com pé em anel.

Os motivos decorativos, pintados a azul, são muito

simples. Podem limitar-se a linhas simples ou duplas a delinear o fundo e o bordo (fig. 8.1), motivos geométricos (fig. 8.2), motivos florais estilizados (figs. 8.3 e 4); uma tigela apresenta um motivo floral que se desenvolve em toda a parede interna (fig. 8.5), diferindo dos outros exemplares que normalmente só são decorados no fundo.

Estas peças apareceram em diferentes contextos do século XVI, associados a cerâmicas esmaltadas a branco, a vidrados a verde, melados, importações de Paterna/Manises. Alguns exemplares aparecem associados a majólicas.

Pelas suas características e pelos contextos em que foram encontrados as peças desta produção deverão situar-se no século XVI.

2. CERÂMICAS IMPORTADAS

Paterna / Manises (fig. 9)

As loiças importadas da região valenciana (Paterna/Manises) aparecem agora em maior quantidade do que se encontrou, no Castelo, no século XIV. As produções identificadas são a de loiça dourada e azul e dourada.

As peças integram-se no serviço de mesa com formas abertas - que incluem tigelas, por vezes com pegas polilobuladas e pratos – e fechadas que incluem um jarro e alguns pequenos fragmentos de colos de formas indeterminadas.

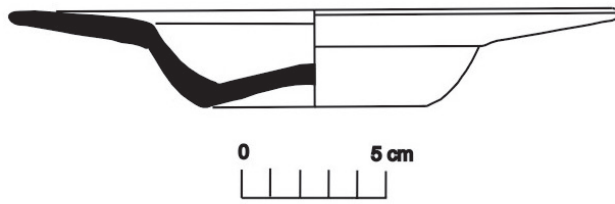
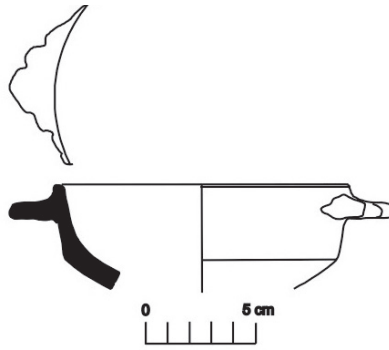
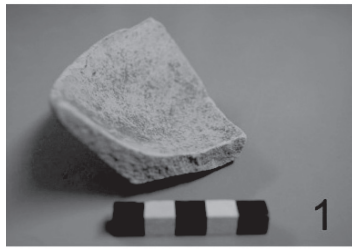
Os motivos decorativos são variados estando identificados os epigráficos, pseudo-heráldicos, acicates, folhas de cardo, “*sofás*”, rosas góticas e letra gótica.

A **loiça dourada** inclui peças exclusivamente do serviço de mesa com uma maioria de formas abertas com predomínio das tigelas de diferentes dimensões, por vezes com asas polilobuladas, alguns pratos e um jarro. Algumas peças encontram-se muito bem preservadas sendo possível observar a sua decoração, interna e externa; outras permitem apenas leituras parciais.

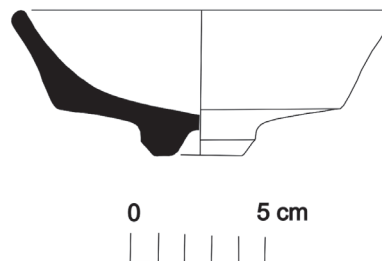
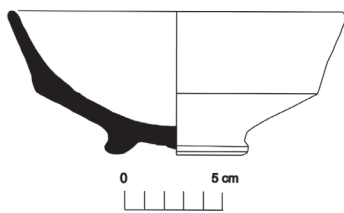
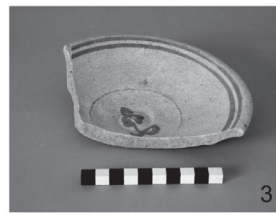
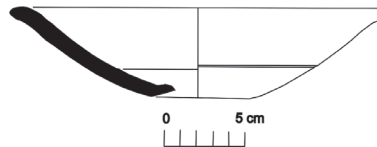
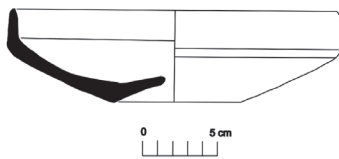
Foi identificado numa tigela de pequenas dimensões, com asas polilobuladas, uma decoração epigrafada disposta na parede interna (fig. 9.1). Uma outra tigela decorada com folhas de cardo (fig. 9.2) encontra-se muito bem preservada e vem de um contexto de inícios do XVI. Uma tigela é decorada no exterior com estrelas de cinco pontas.

Outras tigelas mais fragmentadas apresentam no fundo em ônfalo, externo, uma estrela de cinco pontas, em dourado e noutra, também na parede externa, estrelas inscritas em círculo.

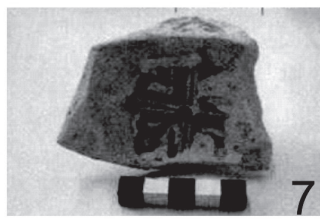
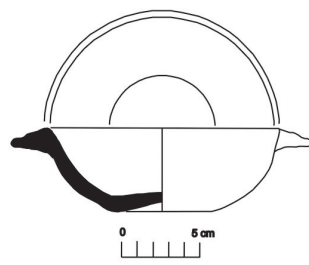
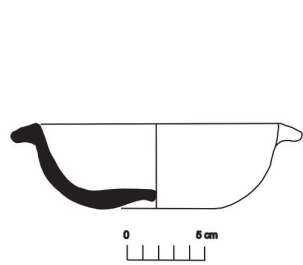
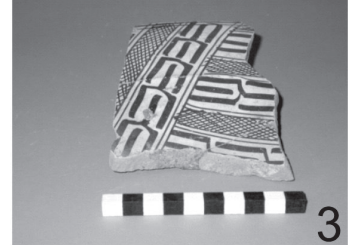
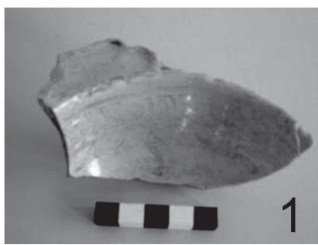
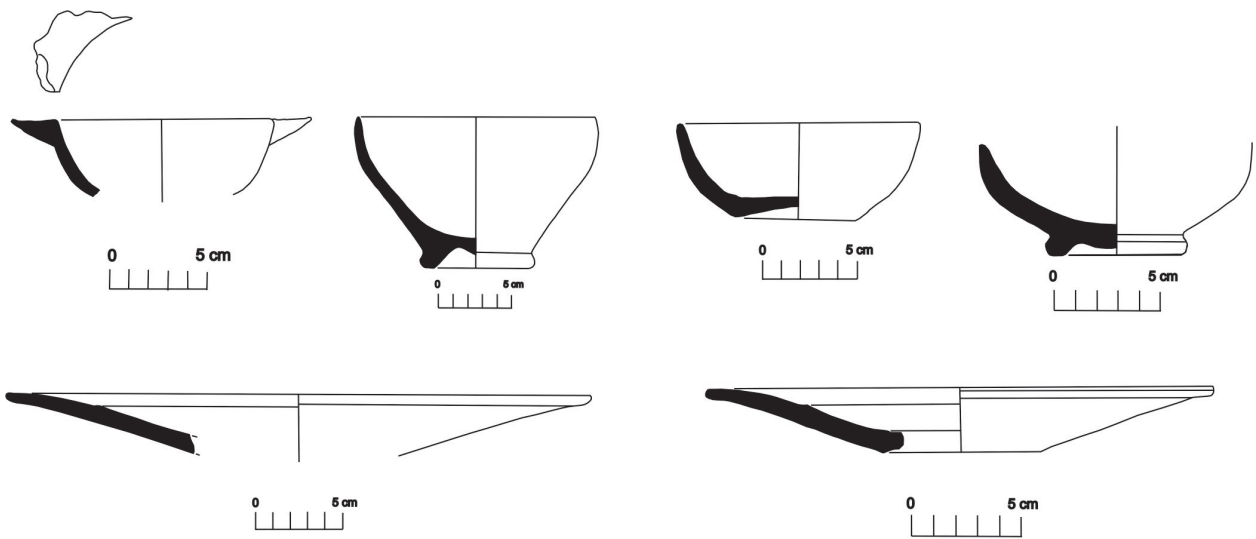
Um fragmento de prato de grandes dimensões apresenta uma decoração de acicates (fig. 9.3) na parede interna e de estrelas inscritas em círculo na parede



7. Cerâmica esmaltada.



8. Cerâmica faiança.



9. Cerâmica de Paterna/ Manisses: dourada (1 a 5) e azul e dourado (6 a 8).

externa. Um outro prato de menores dimensões apresenta uma decoração mais simples de “*solfas*” (fig. 9.4) que preenchem toda a parede interna e externa. Um outro é apenas decorado na parede externa com estrelas inseridas em círculos.

O jarro de corpo decorado com meias canas salientes e com bico bem demarcado apresenta igualmente uma decoração de “*solfas*” (fig. 9.5).

A loiça dourada aparece em zonas de lixeiras à excepção da tigela decorada com folhas de cardo que provém do Palácio dos Duques de Aveiro de um nível de época moderna.

O Palácio do Governador forneceu a maioria dos exemplares identificados – fundo com estrela, prato decorado com acicates e outros fragmentos de tigelas e pratos muito fragmentados.

As formas de **azul e dourada** incluem-se no serviço de mesa – tigelas, pratos e um gargalo

Destaca-se uma tigela com decoração de triângulo a azul, três tigelas com asas polilobuladas, uma, com decoração no fundo pseudo-heráldica (fig. 9.6), uma decorada na parede com rosa gótica (fig. 9.7) e outra toda vidrada a branco com pega com flor de lis, em azul; um fundo é decorado com motivo epigráfico cristão – S gótico (fig. 9.8). Um gargalo foi igualmente decorado com uma rosa gótica. Outros pequenos fragmentos mostram motivos geométricos a azul e com apontamentos a dourado.

Estas peças foram encontradas em contextos de lixeira. Os motivos decorativos identificados nas importações valencianas integram-se no conjunto de decorações típicas existentes desde finais do século XIV/XV e que se prolongam até ao XVI.

Estas importações foram identificadas, no Castelo, maioritariamente em contextos de lixeiras bem datadas para o período que tratamos. Apenas a tigela de loiça dourada poderá ser associada ao Palácio dos Duques de Aveiro.

A maior parte da produção valenciana provém do Palácio do Governador de um contexto do século XV/primeira metade do XVI. Aqui foram encontradas loiças douradas, azuis e douradas. Os motivos das peças aí encontradas inclui os acicates, as estrelas, as rosas góticas. As cerâmicas locais comuns predominam estando também presentes os vidrados; as cerâmicas esmaltadas e faianças estão ausentes deste contexto. Na zona de armazenagem do Castelo foi identificado, no silo 1, fragmentos de loiça dourada, azul e dourada decorada com triângulo azul e outro com rosa gótica. De produção local foram exumados, para além da cerâmica comum, predominante, alguns vidrados a verde, cerâmica esmaltada, faianças azuis e brancas e cerâmica pintada a branco.

No Castelo foram encontrados alguns exemplares desta produção do século XIV de que se salienta um prato a azul claro e dourado com a representação de uma árvore da vida. Durante o século XV estas importações vão aumentar (Gomes, 2005).

2.2 Majólicas (fig. 10)

Encontraram-se nas intervenções arqueológicas no Castelo algumas majólicas importadas de Itália. O centro produtor mais representado é Montelupo, verificando-se também a presença, embora de forma residual, da Ligúria e de Faenza. Na generalidade as cerâmicas encontram-se muito fragmentadas não permitindo a visualização da decoração total da peça.

Os produtos vindos de **Montelupo** caracterizam-se pela profusão decorativa, integrando-se maioritariamente na produção geométrica policroma, onde ressaltam a combinação de diferentes cores vivas. As formas integram-se todas no serviço de mesa e correspondem a pratos rasos ou pratos fundos; alguns pequenos fragmentos, pelo diâmetro do fundo poderiam corresponder a pratos ou tigelas de pequenas dimensões.

2.2.1 Produção geométrica policroma

É a mais comum no conjunto dos exemplares encontrados no Castelo.

Rombi e ovali

Esta decoração apresenta muitas vezes um fundo decorado com flores centrais. No Castelo apenas foram encontrados dois fundos com este motivo floral (figs. 10.1 e 2), embora o seu estado fragmentário não permita a identificação da decoração típica dos *rombi*. Um outro exemplar com fundo de prato decorado em *scacchiera policroma* parece ter sido decorado na parede com este motivo.

Um destes exemplares provém do Palácio das Cozinhas de níveis do século XVI.

Este tipo de decoração existe no século XVI e também no século XVII.

Nastri spezzati

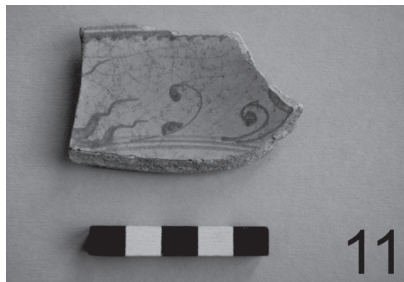
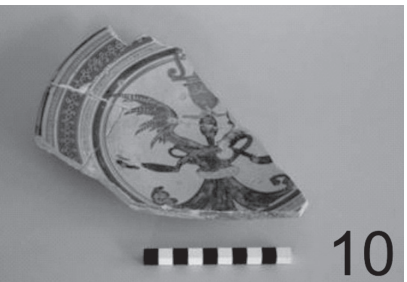
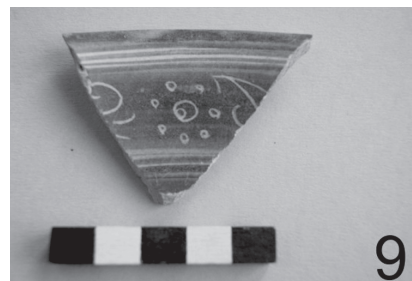
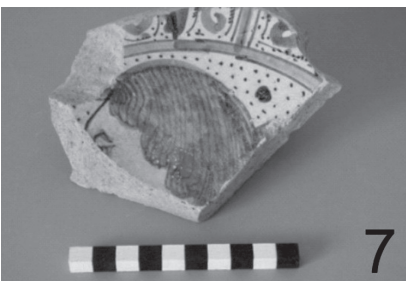
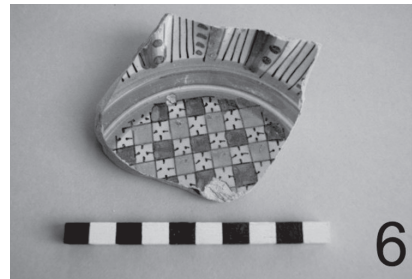
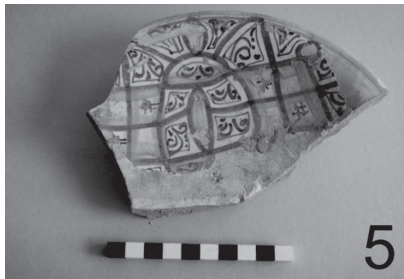
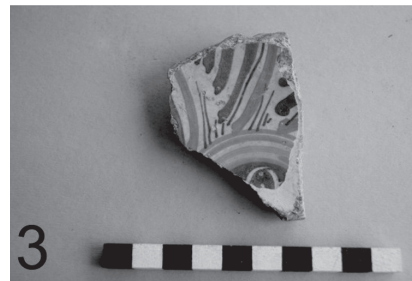
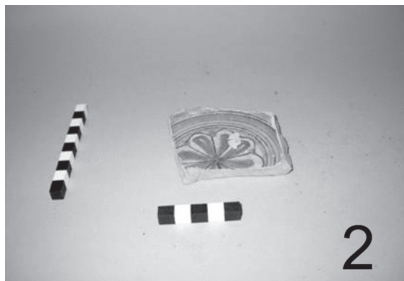
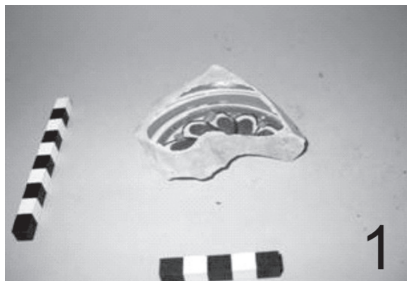
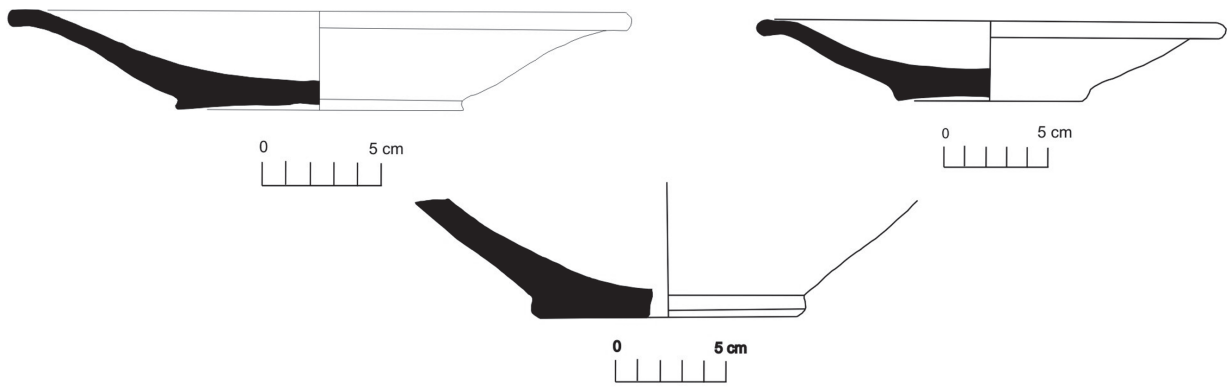
Foi apenas identificado um bordo de um prato com a decoração típica de duas fitas em linha quebrada em azul com apontamentos em amarelo forte delineando uma flor estilizada.

Este exemplar foi encontrado em níveis superficiais.

A cronologia atribuída é século XVII.

Spirali e monticelli

Existem apenas dois fundos, bastante fragmentados,



10. Cerâmica majólica.

com as espirais em laranja; num dos fundos, com pé em anel, provavelmente de uma tigela, é ainda visível o que poderia ser um motivo central em *girandola* – fundo azul decorado a branco (figs. 10.3 e 4).

Estes exemplares provêm de níveis revolvidos.

Este tipo de decoração é comum na segunda metade do século XVI; um exemplar, com o mesmo motivo central, foi encontrado em níveis da primeira metade do século XVII, em Barcelona. (Heredia Berceo, 2010, p.20).

Losanghe ou nodi orientali

Um prato raso (fig. 10.5) apresenta esta decoração nos tons azuis típicos formando losangos e curvas, pontuados de pontos amarelos, típicos de Montelupo, que preenchem toda a zona do prato. A parede exterior é decorada com linhas concêntricas paralelas pintadas. Um pequeno fragmento de aba de prato com a mesma decoração apresenta o lábio sublinhado a amarelo.

Este exemplar provêm de níveis do século XVIII mas esta decoração foi encontrada em níveis do século XVI e XVII, em Barcelona (Heredia Berceo, 2010, p. 20).

Scacchiera policroma

Foram identificados três fundos de pratos (figura 10.6) com este motivo decorativo. Um deles ainda apresenta o arranque de parede ondulada fazendo lembrar algumas formas de pé alto com paredes facetadas designada por *crespina*. A decoração do fundo é formada por pequenos quadrados dispostos como um tabuleiro de xadrez em verde, vermelho e branco. Na forma de parede ondulada vislumbra-se um arranque de parede em segmentos radiais em azul/amarelo, verde/vermelho alternando com linhas em azul sobre branco. No terceiro exemplar vislumbra-se a decoração do arranque da parede que poderia ser em *rombi e ovali*.

O prato de parede ondulada provêm de níveis do século XVII e os outros exemplares de níveis perturbados.

A cronologia desta decoração é normalmente da primeira metade do século XVII.

Embricazione

Duas abas de prato apresentam este tipo de decoração em tons de laranja delineados a azul.

Estes exemplares provêm de níveis superficiais.

A cronologia desta decoração é da segunda metade do século XVI/XVII.

Produção figurativa policroma

Foi identificada um único fundo de prato fundo com uma representação de busto de perfil (fig. 10.7) sobre um fundo branco decorado com pontilhado a azul. O limite do fundo é delineado a amarelo, apercebendo-

-se o início de uma decoração a azul enquadrada com a mesma linha a amarelo.

Este exemplar provém de um contexto moderno no local onde existia o Palácio dos Duques de Aveiro.

Produção floral geométrica policroma

Blu graffito

Os exemplares desta decoração são na generalidade de pequenas dimensões tendo sido identificados alguns bordos de prato. A decoração é típica apresentando decoração de pequenos motivos florais estilizados e geométricos a branco, sobre fundo azul (figs. 10.8 e 9). O prato mais completo encontrado no Castelo apresenta um bordo decorado com *blu graffito* e o centro do prato com a representação de um candelabro (fig. 10.10).

Este prato e alguns exemplares mais fragmentados foram encontrados em níveis de época moderna.

Do centro de **Ligúria** foram apenas identificados dois pequenos fragmentos, um deles de uma aba de um prato, o outro correspondendo à parede de um prato fundo (fig. 10.11). A decoração de *blu berettino*, "caligrafico a volute tipo C", apresenta o típico fundo azul claro com volutas e elementos florais estilizados em linhas finas a azul mais escuro.

Estes exemplares foram encontrados em níveis perturbados da Praça Nova.

A cronologia desta decoração é atribuída à segunda metade do século XVI-1.ª metade do XVII.

Do centro de Faenza encontraram-se dois pequenos fragmentos de fundo possivelmente de tigelas. A atribuição destes dois fragmentos ao centro de **Faenza** prende-se com as características desta produção – o vidrado branco, opaco e muito brilhante e a decoração de figura central – peixe(?) e flor – a azul forte e amarelo.

Estes exemplares foram encontrados em níveis modernos e do século XVIII.

Muitos dos exemplares encontrados provêm de níveis superficiais ou perturbados. No entanto, algumas destas majólicas foram exumadas em níveis modernos associados a outras produções típicas desta época como as cerâmicas comuns que aparecem sempre em maior quantidade, cerâmica vidrada a verde ou melado, cerâmica esmaltada a branco, faiança a azul e branco com fundos em ônfalo e loiça dourada de Paterna/Manises.

As majólicas identificadas aparecem associadas a zonas de Palácios existentes no Castelo, como o Palácio dos Duques de Aveiro, o Palácio das Cozinhas, que estava inserido no Paço da Alcáçova, o Palácio dos Condes de Santiago e ainda numa casa localizada na

Rua das Flores. A documentação refere que Gil Lourenço de Miranda, escrivão de D. João III e alcaide-mor de Miranda do Douro, morava nesta rua; no entanto, não se sabe qual seria a sua casa (Andrade, 1954, p. 88).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das cerâmicas modernas encontradas no Castelo de S. Jorge em contextos do século XV e XVI incluem cerâmicas locais e importadas.

As produções locais – comuns e vidradas – provêm de dois centros produtores de Lisboa.

As produções locais comuns caracterizam-se pela homogeneidade verificando-se uma tendência para a continuidade e uniformidade dos fabricos, já observados no período anterior, que se reduzem a um único. As formas são variadas cobrindo uma vasta área de

serviços – de mesa, cozinha, armazenagem, iluminação que permitem caracterizar os quotidianos desta época. Algumas destas formas vêm em continuidade do século XIV. O conjunto de esmaltadas e faianças presentes na alcáçova é representativo dos exemplares mais antigos desta produção, em Lisboa.

As importações valencianas predominam a partir do século XV/XVI com as produções de dourado e azul e dourado estando presentes os motivos decorativos típicos desta época.

Na segunda metade do século XVI surgem as importações italianas destacando-se Montelupo como centro produtor.

A mudança do Paço Real da alcáçova para o Terreiro do Paço, vai ter consequências no quadro das importações, passando a existir uma realidade distinta entre as produções que ocorrem no Castelo e na zona ribeirinha.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, F. de (1954) – *A freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa*, Lisboa.

AMIGUES, F. (1995) – La cerámica gótico-mudéjar valenciana y las fuentes de inspiración de sus temas decorativos, *Spanish Medieval Ceramics in Spain and British Isles, Bar International Series*, 610, p. 141-158.

AMIGUES, F. (2002) – Las importaciones de cerâmicas doradas valencianas de los talleres de Paterna em el Languedoc-Rosellon, *La cerâmica de Paterna – Reflejos del Mediterráneo*, Valencia, p. 58-82.

BARREIRA, P.; DÓRDIO P. e TEIXEIRA R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII, *2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, p. 145-184.

CAILLEUX (A.) (S/D) – *Notice sur le code des couleurs des sols*, Paris: Boubée.

CARDOSO, G. e RODRIGUES S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas do século XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais, *Arqueologia Medieval*, n.º 6, Porto, p. 193-212.

CARDOSO, G. e RODRIGUES S. (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade, em Cascais, *3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Almada, p. 269-288.

DIOGO, A.M. e DIAS, L. T. (2000) – Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa), *Arqueologia e História*, vol. 52, Lisboa.

DIOGO, A.M. e DIAS, L. T. (2003) – Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de S. Lourenço, n.º 17/19 em Lisboa, *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (Tondela), Porto, p. 203-213.

DIOGO, A.M. e DIAS, L. T. (2003) – Cerâmicas da intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 17/19 em Lisboa, *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (Tondela), Porto, p. 257-267.

FARINHA, A.L. (1932) – *Notícia Histórica do Bairro das Olarias (Lisboa)*, Cucujães.

FERNANDES, I. C. e CARVALHO, A. R. (1998) - Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela, *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, p. 211-255.

GASPAR, A. et al (2009) – Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo S. Jorge – Lisboa, *VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval*, Ciudad Real (2006), p. 653-672.

GASPAR, A. e AMARO, A. (1997) – Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa, *La céramique médiévale en Méditerranée, Actes du 6ème Congrès, Aix-en-Provence*, p. 337-345.

GOMES, A. *et al* (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa, continuidades e rupturas, *Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, Palmela.

GOMES, A. *et al* (2009) – Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge, *VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval*, Ciudad Real (2006), p. 955-962.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V. e CARDOSO, J. L. (1996) – Aspectos do quotidiano numa casa de Silves durante o século XV, *Xelb*, 3, Silves, p. 33-78.

GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do poço-cisterna de Silves, *Xelb*, 3, p. 143-205.

BERCERO, H.; BELTRAN, J.; MIRÓ, N. e MIRÓ, A. (2010) – *The ceramics trade in Barcelona in the 16th-17th centuries*, Barcelona: Museu d'Historia de Barcelona.

LIBERATO, M. A. A. (2012) – *A cerâmica pintada a branco na Santatém Medieval: uma abordagem diacrónica – séculos XI a XVI*, Tese de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MANGUCCI, A. C. (1996) – Olarias de Louça e azulejo da Freguesia de Santos-o-Velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII, *Al-madan*, II série, n.º 5, p. 155-168.

MESQUIDA, M. (1998) – La producción alfarera de Paterna en la primera mitad del siglo XVI, *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (Tondela), Porto, p. 267-281.

MESQUIDA, M. (1995) – La cerâmica azul y dorada de Paterna: formas y decoraciones, *1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Post-medieval*, Tondela, p. 97-107.

PRUDÊNCIO, I. *et al* (2009) – Evolução das tecnologias de produção cerâmica dos séculos XI a XVI na cidade de Lisboa, *VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval*, Ciudad Real (2006), p. 509-514.

RIBEIRO, M. (1991) – Património cerâmico e linguístico português sob influência islâmica, *Congresso Internacional Estudo da Cerâmica Medieval do Mediterrâneo*, Mértola.

SABROSA, A. e SANTO, P. E. (1992) – Almada medieval/moderna – um projecto de investigação, *Al-Madan*, 1.^a série, 1, Almada, 1992, p. 5-12.

SILVA, R. B. e GUINOTE, P. (1998) – *O quotidiano na Lisboa dos descobrimentos – Roteriro arqueológico e documental dos espaços e objectos*, Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação par as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

SILVA, V. da (1937) – *O Castelo de S. Jorge – Estudo histórico descritivo*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

TEICHNER, F. (2003) – Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco em Évora (Alentejo), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, número 2, Lisboa, p. 501-520.